

PESQUISAS

LITERATURA E ATIVISMO POLÍTICO: O OLHAR DE ERNESTO CARDENAL SOBRE A REVOLUÇÃO SANDINISTA NICARAGUENSE

LETICIA ABRANDAO*

Introdução

Este texto tem como finalidade relatar alguns dos resultados da nossa pesquisa de doutorado, que tem como objetivo promover um diálogo da história com a literatura através de análises expressas pela linguagem escrita. Para tanto, está sendo utilizada a criação de elementos capazes de dar a compreender o processo da formação dialética ao longo da vida de Ernesto Cardenal e os reflexos na construção e desenvolvimento da teologia da libertação e do movimento sandinista nicaraguense, analisando a autenticidade e importância desse discurso através de suas obras literárias.

A história da América Latina nas décadas de 60 e 70 foi marcada pela existência de governos ditatoriais e, em contrapartida, pela eclosão de vários movimentos populares inspirados na doutrina marxista e na então recém-vitoriosa, Revolução Cubana. No âmbito religioso, esta onda revolucionária que atingiu o continente evidenciou-se através do marcante influxo da teologia da libertação. Plenamente imersa neste contexto, a Nicarágua sofreu na história o crivo da ditadura Somoza e, em oposição a ela, abraçou o movimento popular sandinista. Neste

contexto, vários foram aqueles que se destacaram como importantes figuras, cuja atuação política até hoje os faz reconhecidos, como Ernesto Cardenal.¹ Sendo assim, a análise de seus textos, contextualizada à realidade latino-americana daquele período, torna-se uma importante fonte histórica para a reconstrução da história nicaraguense, em especial no que se refere ao período revolucionário.

Nas obras desse poeta é possível observar a defesa do ideal marxista e da teologia da libertação. O autor revelava-se, assim, como um grande defensor de uma sociedade cristã, justa e igualitária, o que para ele seria a representação do Reino de Deus na terra:

Existem teólogos atuais que dizem que a expressão “Reino de Deus”, Cristo usava equivalente ao que em nosso tempo é a palavra “Revolução”. Era igualmente subversiva. Significava um regime social de justiça, igualdade e amor. E pregar isto o levou à morte. Também é semelhante ao que agora muitos jovens proclamam em todas as partes: “Outro mundo é possível.”²

Essa concepção religiosa e política está presente nas mais variadas obras literárias de Cardenal, inclusive naquela que é considerada o grande símbolo de sua literatura mística, *Vida en el Amor*.³ É nesta obra que o autor deixa claro sua percepção sobre o mundo e a relação que se estabelece entre sua ligação de Deus com o homem: “as coisas estão relacionadas umas com as outras e umas estão compreendidas em outras, de modo que o universo é uma única e vasta coisa.”⁴

A literatura de Cardenal pode, portanto, ser analisada como um fenômeno da historiografia literária da América Latina e, em especial, da Nicarágua. Revela de forma peculiar, num entrelace entre poesia amorosa, política e religiosa, as faces do cenário histórico nicaraguense ao longo de toda a trajetória literária do poeta:

Hay un lugar junto a la laguna de Tiscapa
- un debajo de un árbol de quelite-
que tú conoces (aquella a quien escribo

estos versos, sabrá que son para ella).
Y tú recuerdas aquel banco y aquel quelite;
la luna reflejada en la laguna de Tiscapa,
las luces del palacio del dictador,
las ranas cantando abajo en la laguna.
Todavía está aquel árbol de quelite;
todavía brillan las mismas luces;
en la laguna de Tiscapa se refleja la luna;
pero en aquel banco esta noche estará vacío,
o con otra pareja que no somos nosotros.⁵

As obras cardelianas, que têm como característica central o diálogo entre a compreensão mística e o reflexo imediato nas ações humanas, servem especialmente de parâmetro para a compreensão do pensamento político e religioso de Ernesto Cardenal. Para o pesquisador Eduardo Bertarelli, em sua produção literária o poeta faz uso das “possibilidades infinitas do epigrama para o ataque e a burla [...] de caráter social que envolve o eu poético e as vozes de uma sociedade inteira.”⁶ Confirmando a presença desse entrelace entre fé e ação humana na literatura cardeliana, Bertarelli afirma ainda ao analisar um de seus mais conhecidos livros de poemas, *Gethsemany, Ky*:

É essa permanente insistência no contraditório da fé que caracteriza este livro de poemas. Na realidade, *Gethsemani, ky* foi escrito para insistir uma vez mais nessa “loucura da cruz”, no absurdo de uma fé que contradiz as aspirações instintivas do homem, mas também a fé que fez com que o poeta não contradiga mais seus desejos, mas que os cumpra plenamente. É um caminho difícil e impossível de empreender sem a fé, a qual também tem períodos de dúvida e obscuridade.⁷

A construção real dessa perspectiva, materializada na comunidade revolucionária e cristã de Nossa Senhora de Solentiname, será consolidada alguns anos depois e terá reflexo imediato no desenvolvimento do movimento sandinista nicaragüense e na identidade com a teologia da libertação. Como bem afirma o pesquisador Will Derusha, Solentiname tornou-se, aos poucos, uma comunidade

“contemplativa no sentido de conscientizadora, uma fusão idiossincrática de ideologia e dogma.”⁸

A Revolução Sandinista à luz da literatura Cardeliana

“Que bela a desordem dos primeiros dias!”⁹ Cardenal encontrava-se em êxtase naquele 20 de julho de 1979. Enfim o povo nicaraguense conseguira, depois de um torturante período de luta, depor seu opressor. Pairava no ar a esperança de que uma nova sociedade seria criada, com espírito de união, de solidariedade e de companheirismo.¹⁰ Para o poeta, chegara a hora de travar uma outra guerra, “a guerra contra o analfabetismo, contra a insalubridade e contra a tristeza.”¹¹ A paixão com que Ernesto Cardenal relata o processo revolucionário no momento do triunfo deixa claro que aquilo que realmente o diferencia das demais revoluções que ocorreram na história da humanidade está longe do fato de ter sido um movimento socialista de deposição de uma ditadura. Muitos outros países promoveram conquistas como esta. O que a torna tão peculiar é ter tido apoio massivo da pobre e oprimida população nicaraguense. Mais do que isso: a base sobre a qual se constrói uma forma indissociável o socialismo e o cristianismo experimentados por um mesmo povo. Che Guevara já dizia que o dia em que os cristãos da América Latina fossem revolucionários, a revolução seria invencível.¹² Aquela revolução sobre a qual Cardenal falava nas missas em Solentiname era, como ele próprio afirmava, “a revolução do amor.”¹³ Muito além da preocupação com a reforma política, o sacerdote pretendia transmitir uma mensagem de amor ao próximo, de solidariedade. Sem se apoiar sob essas bases, jamais poderia haver uma mudança substancial que fosse capaz de sustentar o socialismo em uma sociedade: “Sobretudo, a revolução foi uma transformação profunda de todo o povo, tanto material como espiritual. Ela significou novas

relações entre nós, e uma nova cultura: a cultura do companheirismo.”¹⁴ Segundo o poeta, este foi um dos grandes acertos da Frente Sandinista, reconhecer que “o povo nicaraguense era em sua maioria cristão, e que uma revolução marxista para ser popular devia fazer-se também com cristãos.”¹⁵ A Revolução da Nicarágua mostra, assim, o seu caráter ecumênico, provocando não apenas a união de todas as igrejas cristãs, mas estimulando o diálogo entre cristãos e ateus. Talvez por isto, por carregar consigo a mensagem de amor na qual convergem o cristianismo e o marxismo, o teólogo José Maria Vigil tenha singularmente podido classificá-la como “o fenômeno de solidariedade internacional maior de toda a história da humanidade.”¹⁶

O fato de a Revolução Sandinista ter como forte característica o seu caráter popular remete a mais um de seus originais aspectos: contrariando a tendência dos países socialistas do resto do mundo, a Nicarágua não experimentou a presença de um único chefe de governo. Embora houvesse uma liderança estruturada, ela era composta por um colegiado, sem culto à personalidade.¹⁷ Um movimento que nasce e se alastra no seio do povo tende naturalmente a seguir um caminho democrático: “esta revolução não era só de um partido, ou aliança de partidos, ou movimento político, mas de uma massa de povo, uma imensa maioria, todo um povo.”¹⁸ Sua primeira conquista foi, portanto, a libertação da Nicarágua de uma ditadura que já durara quase meio século e que a tornava subjugada ao imperialismo norte-americano. Princípios como o do pluralismo político e a liberdade de imprensa foram respeitados dando corpo à peculiar experiência socialista de uma “revolução com burguesia.”¹⁹

Cardenal preparava-se para retornar à Solentiname quando o convite para assumir o Ministério da Cultura lhe foi feito. Embora seu desejo após a vitória da revolução fosse reconstruir sua comunidade e se dedicar à sua vocação monástica, percebia que sua missão ainda não

havia sido cumprida completamente. Sabia que poderia iniciar projetos interessantes como ministro,²⁰ embora mais uma vez tivesse que abdicar de suas paixões: “Sendo ministro da cultura eu havia tido que deixar de escrever para que os outros escrevessem, e para que fizessem música, teatro, pintura e dança.”²¹ Iniciou, assim, uma outra revolução em seu país: a revolução cultural.

Após anos de dominação econômica e cultural em relação aos Estados Unidos, parecia que o povo nicaraguense estava “vivendo em um outro país.”²² Havia uma necessidade urgente de resgate daquela cultura. Mas como reacender a atividade cultural naquele lugar tão maltratado pela miséria e cuja maior parte da população ainda sofria com o analfabetismo?

A resposta que Cardenal deu a esta pergunta representa talvez o maior triunfo da Revolução Sandinista. O Ministério da Cultura promoveu a organização de Exércitos Populares de Alfabetização entre os estudantes alfabetizados da Nicarágua. Durante cinco meses, em uma esplêndida demonstração de solidariedade, milhares de jovens de classe média e alta partiram para o campo em busca da “libertação” daquela maioria de seus compatriotas que não tinham acesso à leitura e à escrita. Mesmo sob ameaça dos Contra²³, abandonaram suas casas e aderiram àquela outra revolução promovida em seu país. Percebiam o quão esta atitude era necessária para que a Nicarágua rompesse de uma vez por todas os laços que a prendiam à pobreza e ao atraso. A alfabetização faria com que “os indivíduos fossem conscientes da realidade social e de que a podiam transformar.”²⁴

A revolução da Nicarágua, no entanto, “era a conjunção de Sandino y Darío.”²⁵ O ativismo e a poesia jamais podem ser considerados como antagônicos em Cardenal. Já em suas primeiras obras poéticas o tema da política ocupa um lugar de destaque e, mesmo após sua experiência na Trapa, nunca pôde ser abandonado. Ao contrário,

torna-se ainda mais sólido e profundo sob a nova concepção do mundo inspirada pelas conversas com Thomas Merton. O idealismo político do poeta agora assumiria outro tom, revelado por sua face espiritual. Se todas as coisas do mundo são Deus, fazem parte do Real, também a política passa a ser concebida como inserida nesta Totalidade:

*Bienaventurado el hombre que no sigue las consignas del Partido
ni asistí a sus mítines
ni se sienta en la mesa con los gángster
ni con los Generales en el Consejo de Guerra
Bienaventurado el hombre que no espía a su hermano
Ni delata a su compañero de colegio
Bienaventurado el hombre que no lee los anuncios comerciales
Ni escucha sus radios
Ni cree en sus slogans
Será como un árbol plantado junto a una fuente.²⁶*

Cardenal tinha como plano de seu Ministério “simplesmente levar a cultura ao povo.”²⁷ Mesclando sua paixão pelos versos ao planejamento político, começa a organizar ateliês de poesia espalhados por todo o país. Para ele, a poesia seria um importante pilar sobre o qual uma revolução, seja ela política ou cultural, se apoiaria. Como em Solentiname, incentivou a leitura e escrita, percebendo que isto daria um grande estímulo a toda criação cultural da Nicarágua. Sérgio Ramirez lembra, porém: “O fato de Ernesto Cardenal fazendo uma política cultural me parece que não pode ser tão relevante como sua poesia e tão pouco os ateliês de poesia foram a parte fundamental de trabalho do Ministério da Cultura nos anos oitenta.”²⁸ A atuação política é apenas uma das faces de uma vida religiosa e dedicada ao próximo. A poesia que o acompanha desde a infância talvez revele de forma mais pura e significativa a essência de Ernesto Cardenal. Ela, afinal, é o instrumento através do qual o poeta registra seu amor e desvela suas faces. O incentivo à criação poética também não pode ser compreendido sem que se mensure seu real alcance. Muito mais do que uma ação isolada, esta representou

apenas parte da estrutura sobre a qual se deu uma verdadeira revolução cultural: “A Nicarágua foi muito criativa nos anos de oposição contra Somoza, mas foi muito mais com a Revolução Sandinista, na qual houve um florescimento de todas as artes, como não se havia visto antes no país, e foi o maior acontecimento cultural em toda a história da Nicarágua.”

José Coronel Urtecho lembra, ainda, que outro aspecto que faz ressaltar a importância da revolução é que ela tinha como principais adversários Reagan e o Papa,²⁹ ambos importantes pólos de poder no mundo: o político e o religioso. Os americanos vivenciavam o contexto histórico da guerra fria, uma ameaça constante à sua hegemonia já abalada pela vitória da Revolução Cubana, na América Latina. O Vaticano, por sua vez, enfrentava a incômoda realidade da dissidência católica através da teologia da libertação.

Decididos a destruir a Revolução Nicaraguense, os Estados Unidos dispuseram de vários artifícios, dentre os quais, um forte bloqueio econômico, um boicote comercial, o ataque de maneira geral a tudo o que representava a infraestrutura do país. Com o objetivo de desestabilizar a força popular nacional e conduzir a opinião pública internacional sobre o movimento, lançou mão de uma forte e massiva propaganda. Mas o mais importante foi a atuação militar com a criação de um exército mercenário, a ocupação de Honduras, a espionagem e o ataque a objetivos econômicos. Para Cardenal, “a guerra dos Contra era para fazer a vida mais miserável, e em grande medida eles lograram.”³⁰

Outro grande obstáculo enfrentado pela Revolução da Nicarágua foi a atuação de João Paulo II que, em visita a Manágua, consciente do impacto da Igreja Católica sobre a população daquele país, tenta provocar a queda do sistema. Logo na chegada do aeroporto ele demonstra sua insatisfação com o modo como o qual alguns sacerdotes conduzem sua vida religiosa na América Latina. O símbolo deste

sentimento é a imagem transmitida por várias televisões do mundo na qual Ernesto Cardenal encontra-se de joelhos para beijar o anel Papal e o Papa o repreende publicamente por atuar no governo sandinista.³¹ Mais do que um simples conflito no seio de uma instituição, este ato representa de forma clara para todo o mundo, a posição da Igreja Católica em relação à teologia da libertação na América Latina. O episódio que se seguiu posteriormente não foi menos simbólico: em uma tentativa de romper a revolução, já que ela estava fortemente apoiada em suas bases populares, o Papa falou para milhares de pessoas que foram vê-lo de todas as partes do país. Ao invés de se ater à esperada celebração religiosa, o Pontífice adota uma postura política, discursando contra o governo que se instalara na Nicarágua. Para Cardenal, o que mais desgostava a ele era que aquela era uma revolução que não perseguia a Igreja.³² Esta foi uma prova de fogo para a revolução. Se o povo houvesse aplaudido o Papa, o governo cairia naquela mesma tarde. Na Nicarágua, porém, havia um povo católico, mas também revolucionário que, em vez de aplaudir o papa, protestou e defendeu sua revolução.

A interferência do Vaticano parece não ter sido capaz, portanto, de abalar a fé do povo nicaraguense em seu “cristianismo revolucionário”. As ações norte-americanas, no entanto, provocaram uma forte crise econômica no país, mergulhando-o em uma miséria ainda maior do que aquela dos tempos da ditadura Somoza. Exaustos pela guerra, pelos embargos e pela pobreza, 10 anos depois de seu triunfo, o governo sandinista se propunha a realizar novas eleições na Nicarágua: “Na realidade a Frente Sandinista se havia proposto a fazer umas eleições livres, justas e honestas, e foram tão livres, justas e honestas, que as perdeu. (...)Se perdeu fundamentalmente pela ingerência dos Estados Unidos, que exerceram uma pressão militar e econômica na população.”³³ Para Cardenal, no entanto, seja como for, “ao perder as

eleições, a revolução ganhou, demonstrando que era democrática. A derrota eleitoral foi uma vitória moral.”³⁴ O poeta não deixa, porém, de expressar sua angústia desse momento: “Se a madrugada do triunfo foi para mim o mais belo sonho de minha vida, a madrugada da perda das eleições foi o pior pesadelo que tive.”³⁵

O sacerdote lembra, porém, que a ação norte-americana foi decisiva para destituir o governo sandinista, mas que a verdadeira revolução, a revolução ideológica, foi rompida pela condição humana.³⁶ Ao perderem as eleições, alguns dirigentes da Frente Sandinista de Libertação Nacional se corromperam promovendo, inclusive, o roubo de propriedades do Estado.³⁷ Além disto, Sérgio Ramirez, em suas memórias sobre a revolução, afirma que “ao identificar-se com os pobres a revolução foi radical no sentido mais puro, e por seu desejo de justiça foi capaz das maiores ingenuidades e arbitrariedades, perdendo a perspectiva do que era possível, e o que apenas podia ser o desejável, o justo.”³⁸ Em conversa com Cardenal, ainda comenta:

Poeta, esta revolução jamais poderá ser derrotada pelos gringos, porque até as menores crianças são comunistas(...). E certamente o foram em sua imensa maioria esses jovens e crianças por dez anos de governo revolucionário, e o haveriam sido também depois os que então ainda não havia nascido, se a revolução não tivesse sido derrotada – não pelos gringos, mas por seus próprios líderes.

O fim da Revolução da Nicarágua não representa para Cardenal, no entanto, o fim da esperança de um mundo de paz e justiça. Em entrevista recente à revista eletrônica *Corrente Marxista*, ao ser indagado sobre a possibilidade de existência do Reino de Deus na Terra, o poeta responde:

Como um cristão pode não crer nisso, quando é o único que Jesus veio a pregar? No Pai Nosso não nos disse que pedíssemos ir a este reino após a morte, mas que pedíssemos que esse reino viesse a nós. Cristo deu sua vida por esse reino na terra, um reino de fraternidade, de igualdade, de

justiça. Um teólogo da libertação disse que quando Jesus usava aquelas palavras “reino de Deus” era igual como agora se diz a palavra ‘revolução’. Era algo completamente subversivo. Era dizer que se acabariam os regimes políticos existentes. Ou como agora diz a juventude mundial: “Outro mundo é possível.”³⁹

O meio do qual dispomos para concretizar o ideal do Reino de Deus na terra é, portanto, o movimento revolucionário. Cardenal deixa claro jamais ter perdido a esperança de que, em um futuro próximo, esse período de apatia experimentado pela juventude mundial acabe e que os jovens novamente se despertem para o ativismo político:

Tivemos uma revolução e a perdemos. Agora existe uma nova geração em Solentiname, e são os filhos e filhas de Bosco e Esperança, de Juan Antônio e Glória, de William e Teresita, de Laureano, Iván, Julio Ramón, a Mariúta. E espero que vivam uma revolução com os mesmos ideais dos mártires que estão enterrados no parque infantil de Solentiname.⁴⁰

Notas

* Doutoranda do departamento de História Social da PUC/SP sob orientação do Prof Dr. Antônio Rago Filho. Email: leticia_abrandao@hotmail.com.

¹ Ernesto Cardenal foi um sacerdote, poeta e revolucionário nicaraguense. Durante a Revolução Sandinista atuou como Ministro da Cultura, tendo tipo participação fundamental em projetos culturais tais como “a jornada da alfabetização”, que reduziu substancialmente o índice de analfabetismo naquele país.

² CARDENAL, Ernesto. *Ernesto Cardenal habla del proceso venezolano desde Nicaragua* (entrevista). Raúl Semprún, 30 set, 2007. Disponível em: <http://www.versionfinal.com.ve/wp/2007/09/30/%E2%80%9Cme-parece-bien-que-se-ensene-marxismo-en-las-escuelas%E2%80%9D>. Acesso em: 12 out. 2010.

³ CARDENAL, Ernesto. *Vida en el amor*. Madrid. Trotta, 1993.

⁴ *Ibidem*, p. 37.

⁵ *Epigramas*. Madrid. Trotta, 2001.

⁶ BERTARELLI, *La poesía de Ernesto Cardenal: cristianismo y revolución*. Lima, 1984 p. 53.

⁷ *Ibidem*, p. 93.

⁸ DERUSHA, Will. *Ernesto Cardenal: Poesía y teología de la liberación*. Publicado originalmente em alemão com o título “Ernesto Cardenal: Poesie und Befreiungstheologie.” Raúl Fornet-Betancourt, ed. *Theologien in der Social- und*

Kulturgeschichte Lateinamerikas. Die Perspektive der Armen. Volumen 3. Eichstätt: Diritto Verlag, 1993.

⁹ CARDENAL, Ernesto. *Revolución perdida*. Madrid: Trotta, 2004, p. 208.

¹⁰ *Ibidem*, p. 236.

¹¹ *Ibidem*, p. 225.

¹² *Ibidem*, p. 247.

¹³ CARDENAL, Ernesto. *Las islas extrañas*. Madrid. Trotta, 2002.

¹⁴ E. CARDENAL, *op. Cit.*, 2004, p. 247.

¹⁵ *Ibidem*, p. 337.

¹⁶ *Ibidem*, p. 258.

¹⁷ *Ibidem*, p. 245.

¹⁸ *Ibidem*, p. 394.

¹⁹ *Ibidem*, p. 247.

²⁰ *Ibidem*, p. 218.

²¹ *Ibidem*, p. 339.

²² *Ibidem*, p. 250.

²³ Força anti-revolucionária, cuja atuação mergulhou a Nicarágua numa desgastante guerra civil nos anos que se seguiram após a vitória da Revolução Sandinista.

²⁴ E. CARDENAL, *op. Cit.*, 2004, p. 282.

²⁵ E. CARDENAL, *op. Cit.*, 2004, p. 372. Ps.: Rubem Darío foi iniciador e máximo representante do Modernismo literário em língua espanhola. É possivelmente o poeta que tem tido uma maior e mais duradoura influência na poesia do século XX no âmbito hispânico.

²⁶ E. CARDENAL, *Poesía Completa*, Vol. 1, p. 164.

²⁷ E. CARDENAL, *op. Cit.*, 2004, p. 380.

²⁸ E. SHADE. *Ernesto Cardenal en la voz de Sergio Ramírez*. 2005.

²⁹ *Entrevista al poeta Ernesto Cardenal*. Corriente Marxista Revolucionaria, 2004.

³⁰ E. CARDENAL, *op. Cit.*, 2004, p. 432.

³¹ *Ibidem*, p. 302.

³² E. CARDENAL. Lo que pasó con el Papa en Nicaragua. *In: Hoja Filosófica*, pp. 22-26.

³³ E. CARDENAL, *op. Cit.*, 2004, p. 462.

³⁴ *Ibidem*, p. 468.

³⁵ *Ibidem*, p. 461.

³⁶ *Ibidem*, p. 404.

³⁷ *Ibidem*, p. 469.

³⁸ *Ibidem*, p. 269.

³⁹ *Ibidem*, p. 222; 223.

⁴⁰ E. CARDENAL. *Op. Cit.*, 2002, p. 249.

Data de envio: 28/06/2013

Data de aceite: 04/07/2013